

O ROMANCE DE PEDRO E MAGALONA: BREVE NOTA SOBRE O PERCURSO EDITORIAL DE UM CLÁSSICO DA LITERATURA DE CORDEL

Data de aceite: 03/07/2023

Vilma Mota Quintela

Graduada em Letras Vernáculas (Universidade Federal de Sergipe - UFS); mestre em Teoria e História Literária (Universidade de Campinas - UNICAMP) e doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura (Universidade Federal da Bahia - UFBA), com estágio doutoral na Universidade de Paris X- UPX. Foi professora efetiva da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1997-2000) e, desde 2014, atua como professora adjunta na Universidade Federal de Sergipe, sua Alma Mater. Desenvolve, atualmente, pesquisa de pós-doutoramento intitulada “Figurações do feminino na narrativa tradicional popular: a emblemática história da bela Magalona”, no CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

Este artigo tem como foco um romance de origem incerta, em circulação ao longo de mais de quinhentos anos; um êxito editorial em diversos idiomas, sem

dúvida, um dos mais célebres títulos da biblioteca tradicional popular de todos os tempos. Situado na época das Cruzadas, nele, conta-se as aventuras vividas por um casal de nobres amantes: ele, um conde provençal; ela, uma princesa napolitana. Conquanto o contexto histórico tenha, nesse caso, importância secundária, e a obra se caracterize por certa liberdade poética no que diz respeito a esse aspecto, o contexto da narrativa original, pode-se concluir, é a aliança civilizatória estabelecida entre a aristocracia cristã e a igreja apostólica, na Europa medieval.

O romance tem, como ponto de partida, a Provença, aquando do domínio político dos condes de Toulouse no sul da França. O pano de fundo da trama reporta ao período da consumação das alianças entre o reino de Nápoles e a Casa de Anjou, sob a liderança de Carlos I, conde de Anjou e da Provença e, posteriormente, também rei da Sicília e de Nápoles¹. A narrativa, na qual o sentido lendário se sobrepõe ao

¹ A propósito, sobre o contexto histórico do romance, ver ANDRIES e BOLLÈME, 2003. Ver também BARING-GOULD, Sabine. *Troubadour-Land*. Sobre as relações políticas entre a dinastia de Anjou e os reinos da Sicília e de Nápoles, ver, dentre outras referências, JORDAN - *Les origines de la domination angevine en Italie*.

histórico, tem como objeto a escalada heroica e espiritual do casal protagonista, da qual decorrerá a fundação de uma dinastia católica memorável.

Inicialmente, a história gira em torno de um certo Pedro ou Pierre, filho de um tal senhor Jehan de Cerise (Jehan de Provence, na versão da *Bibliothèque Bleue*) e de sua mulher, uma nobre dama, filha de um conde nomeado Álvaro D´Albara, na versão da *B.B.*, identificado como conde da Barcelona². Ao saber que o rei de Nápoles tinha uma filha de incomparável beleza, Pedro decide ir vê-la. A contragosto de seus pais, ele parte a essa grande viagem, vestindo a sua armadura cavaleiresca, que traz, como distintivo, duas chaves, em sinal de sua devoção ao apóstolo Pedro, de quem herdara o nome. Ao chegar anônimo a Nápoles, ele toma parte de uma justa recreativa, promovida pelo rei em honra da filha, e, sob o olhar atento da bela e cobiçada princesa, chamada Magalona, vence, com distinção, alguns dos mais valorosos cavaleiros dos reinos vizinhos que para ali acorreram. A conexão amorosa entre a herdeira real e o então cognominado “cavaleiro das chaves” é imediata. Dá-se, em seguida, uma série de encontros furtivos entre os jovens enamorados, facilitados pela dama de companhia da princesa, no transcurso dos quais, Pedro oferece à ama três anéis de família que trazia consigo, comprovando, assim, a sua origem nobre e as suas boas intenções para com a princesa. As joias serão entregues à Magalona, que as reterá para si, como um sinal do amor e da lealdade do pretendente misterioso. Após isso, os dois decidem fugir e casar em segredo, visto que a mão da jovem já havia sido empenhada a um príncipe aliado do rei napolitano. Arquitetam, pois, uma fuga às terras provençais, incluindo, no plano de viagem, uma breve estada em Roma, onde se daria o casamento. Em meio ao caminho, ainda na primeira parada, ela adormece sob uma árvore e, enquanto a contempla em seu sono, ele observa uma pequena bolsa de seda escondida entre os seios da amada. Cuidadosamente, ele a retira dali e, curioso, procura ver o que nela continha. Lá estão os três anéis que ele havia confiado à ama de Magalona. Evitando acordá-la, Pedro coloca o embrulho a seu lado, sobre uma pedra. É quando, repentinamente, as joias são fisdadas por uma ave de rapina. Nesse ponto, cumpre abrir um parêntese para assinalar o potencial simbólico dessa espécie de pássaro, cuja presença, tão recorrente nas antigas fábulas, tanto orientais quanto ocidentais, pode evocar diversos significados. Outrossim, vale ressaltar, a propósito, a apropriação da imagem da águia e do falcão como símbolo distintivo da nobreza, na tradição heráldica dinástica.

Tomado de surpresa pelo ocorrido, imediatamente, Pedro dobra seu manto, coloca-o, gentilmente, sob a cabeça da bela adormecida, antes apoiada em suas pernas, e corre atrás da ave, que voa, em direção ao mar. Ele consegue atingi-la com uma pedra e a bolsa cai, flutuando sobre as águas. Pedro então toma um pequeno barco que se encontra preso às margens, e avança a fim de resgatar os anéis. Mas o vento e as ondas se levantam violentamente e o homem é arrastado Mediterrâneo a dentro, indo parar nas costas do Egito, na cidade de Alexandria, onde o sultão do lugar o faz prisioneiro e pajem.

² Ver edições da *Bibliothèque Bleue* (*B.B.*) nas referências.

Enquanto isso, a bela Magalona, que, ao acordar, depara-se sozinha no bosque, hesita por um instante, desorientada, para, em seguida, movida por fé inabalável, decidir seguir o plano da viagem antes traçada. Inicia-se, nesse ponto, o protagonismo da heroína. Como um sinal de desprendimento, ela liberta os cavalos que transportaram o casal até ali e agora descansavam à sombra. Feito isso, Magalona segue a pé em direção à Roma, encontrando, no caminho, uma pobre peregrina, a quem oferta as próprias vestes em troca dos trajes maltrapilhos da viajante. Em Roma, assim disfarçada, a princesa reza na Igreja de S. Pedro, onde é acolhida por um seu parente como uma humilde peregrina. Daí, segue em direção ao porto mais próximo e, na sequência, transporta-se, em um barco, às costas provençais, em direção a uma pequena ilha, indicada, por viajantes, como um lugar propício à fundação de um eremitério. Lá, ela se desfaz das joias que trouxera consigo e constrói um modesto hospital, onde almeja tratar dos doentes peregrinos de passagem pela região.

Ao saber da boa e misteriosa mulher, a condessa, mãe do jovem Pedro, procura conhecê-la e, conquistada por seu sincero acolhimento, em lágrimas, compartilha a sua dor pela ausência do filho amado, desaparecido durante uma viagem solitária a Nápoles. Magalona a conforta, ignorando a identidade do cavaleiro em questão. Na sequência, há o motivo dos peixes, em cujas vísceras encontram-se os três anéis que Pedro confiara à ama de Magalona, os mesmos raptados pela ave de rapina quando o casal viajava a Roma. Quanto a isso, cumpre lembrar que o peixe é reconhecido, desde tempos remotos, como um antigo símbolo cristão. Ofertados por um pescador aos pais do cavaleiro desaparecido, os peixes ou, antes, o encontro, pela condessa, das joias de sua família em meio às vísceras daqueles, marcam o início da *anagnorisis* ou reconhecimento, que, como veremos, abrangerá, daí ao final do relato, uma série de desvelamentos providenciais.

Enquanto disso, na Alexandria, após prestar valioso serviço ao sultão que o aprisionara, Pedro é, finalmente, liberado para visitar os pais, mediante a promessa de seu retorno ao sultanato, após um tempo na companhia daqueles. Em sua viagem de navio de volta à casa materna, Pedro carrega consigo, em barris de madeira, a avultada fortuna que lhe fora ofertada pelo sultão, a qual encobrirá com sal, mantendo-a, assim, a salvo da cobiça alheia. Antes de chegar ao condado do cavaleiro das chaves, o navio aporta em uma pequena ilha. Pedro decide conhecer o lugar, afastando-se dos demais. Cansado, ele adormece na praia, onde é deixado por seus companheiros, após a tentativa em vão de encontrá-lo. Ao chegar à região da Provença, o capitão do navio resolve doar à peregrina hospitaleira, fundadora e gestora de um eremitério edificado em uma das ilhotas costeiras, os barris contendo o carregamento de sal pertencente ao prisioneiro egresso da Alexandria, que ficara para trás. Logo, o tesouro ali escondido é descoberto por Magalona, que o converte em recursos para a fortificação do eremitério e a edificação de uma igreja, a qual ela dá o nome do santo homônimo do amado desaparecido.

Distante dali, abandonado na ilha deserta, esse último se vê, mais uma vez, perdido e desolado. Passado um tempo, já à beira da morte, ele é recolhido por pescadores que o

transportam ao eremitério de Magalona. Debilitado pela doença, o viajante não reconhece a amada sob o véu da hospitaleira, e, da mesma forma, não é reconhecido por ela. Um dia, porém, em meio à convalescença, o doente resolve confiar a sua história à pia mulher, que, finalmente, identifica-o como o cavaleiro das chaves, o seu amante, agora encoberto pelos efeitos nefastos do sofrimento vivido. Entretanto, tomada por forte emoção, com grande esforço, ela mantém em segredo a sua identidade real até o desfecho apoteótico, quando ela se revelará ao amado, ao passo que restituirá o filho pródigo a seus pais. Segue-se, após isso, o esperado matrimônio, encerrando a narrativa um sumário sobre o futuro dos amantes, cuja descendência daria continuidade à dinastia napolitano-provençal. Por fim, é informado como os restos mortais dos protagonistas, mortos depois de viverem uma longa e afortunada vida, foram depositados na igreja de São Pedro, agora também conhecida pelo nome de sua fundadora.

Como se revela ao cabo, o romance se configura como uma lenda em torno da construção da emblemática e histórica Igreja de São Pedro de Magalona, hoje também chamada Catedral de São Pedro e São Paulo de Magalona ou, simplesmente, Catedral de Magalona³.



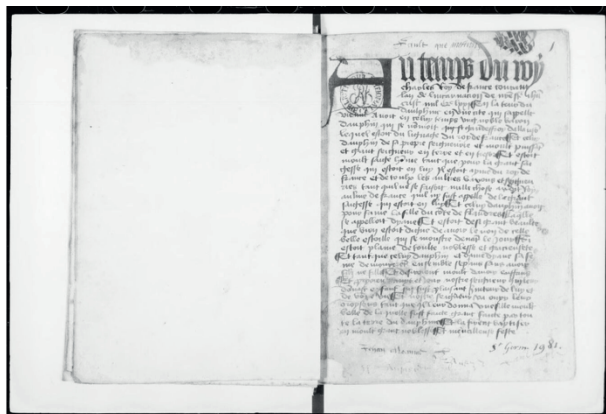
Cartão postal de 1900 da Igreja de Magalona (Postkarte_Cathedrale_von_Maguelonne_vor_1900.jpg).
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Postkarte_Cathedrale_von_Maguelonne_vor_1900.jpg#mw-jump-to-license.

Situada ao sul de Montpellier, no departamento de Hérault, a fortificação, hoje um ponto turístico da região, fica em um conhecido circuito de peregrinação mariana. Nessa região e arredores, entre os séculos XII e XIII, desenvolveu-se uma pujante poesia trovadoresca em dialetos d'oc (*langue d'oc*) e, posteriormente, uma influente produção escrita em verso e em prosa, na qual Coville (1974) observa um significativo influxo do francês d'oïl, mais especificamente, do falado em Paris e cercanias, incluindo as cortes de Anjou e Borgonha outros importantes focos de influência cultural e política⁴. Nesse

³ Ver, dentre outras referências, BARING-GOULD, obra citada.

⁴ Ver COVILLE, Alfred. *La vie intellectuelle dans les domaines d'Anjou-Provence de 1380 à 1435*.

contexto, Coville destaca, dentre outros expoentes, Pierre de la Cépède, autor de *Paris et Vienne* (1432), outro clássico da novela de cavalaria do século XV; Louis de Beauvau, reconhecido como autor do *Roman de Troyle* (1454-55?), uma tradução do *Il Filostrato* do florentino Giovanni Boccaccio, tradução essa também atribuída a Pierre de Beauvau, pai do primeiro⁵; e Antoine de La Sale, autor do *Petit Jehan de Saintré* (1456), cuja temática, como procuro adiante pontuar, conecta-se, de certa forma, à antológica *Querelle des femmes*⁶. Antes de serem reproduzidas em prensas de tipos móveis, essas obras foram objeto do apreço de membros da alta aristocracia, por mando ou em honra de quem foram manuscritas em códices, às vezes, ricamente iluminados⁷. Dessa forma, esses manuscritos passavam a integrar bibliotecas privadas de condes, duques, príncipes e reis, como é o caso do manuscrito do romance de *Paris e Vienne*, cuja cópia, em meados do século XV, fora solicitada ao autor pelo próprio Jean da Calabria, filho mais velho de René I, rei de Nápoles, conde da Provença e duque de Anjou⁸.



Cópia da página inicial do Ms. 20044 do romance de Paris e Vienne, de La Cépède, supostamente, o mais antigo da obra (1432). Manuscrito conservado na Biblioteca Nacional da França.

Nesse próspero e aristocrático ambiente literário, que se desenvolveu na região da Provença, no período entre fins do século XIV e meados do subseqüente, quando do auge cultural e político da casa de Anjou-Provença-Sicília, Coville situa a origem do romance

5 Ver VIELLIARD, Françoise. Gabriel Bianciotto, *Le roman de Troyle*, 1994. In: *Romania*.

6 A propósito, sobre o papel da imprensa na promoção do debate cultural em torno da mulher no século XV, ver VIENNOT, Éliane. *Ce que l'imprimerie changea pour les femmes*.

7 Já a partir do último triênio do século XV, as obras produzidas nesse contexto, em grande parte, viriam a integrar o repertório de impressos literários publicados nas tipografias pioneiras das cidades de Lyon e Paris, dentre outros importantes focos da imprensa francesa em seus primórdios. Sobre os primórdios da imprensa francesa, ver HULVEY, Monique. *Sellers and Buyers of the Lyon Book Market in the Late 15th Century*. Ver, também, LABANDE, Léon-Honoré. *L'imprimerie en France au XVe siècle: étude sur sa propagation dans les différentes villes et sur l'influence exercée par les typographes d'origine allemande*.

8 Ver COVILLE, obra cit.. Consultar uma suposta cópia do manuscrito original da obra (Ms. 20044), datado de 1432. Esse documento encontra-se conservado na Biblioteca Nacional da França. Ver também Ms. Fr. 1480, produzido, possivelmente, em 1443, conservado na Biblioteca do Arsenal, de Paris.

de Pedro e Magalona, aqui em estudo⁹. Quanto à autoria da obra, o que temos não vai muito além da afirmação do cónego de Montpellier Pierre Gariel, que, sem apresentar indícios materiais inequívocos, atribui o romance a um certo cónego da antiga catedral de Magalona, nomeado Bernardo de Trévies¹⁰. Na contramão de Gariel, Coville questiona esse dado, que se tornou dominante quando se trata de situar a origem desse romance anônimo, e traz elementos convincentes, do ponto de vista histórico literário, de sua pertinência ao ciclo anjevino-provençal. De acordo com Coville, La Cépède, Beauvau e La Sale tinham em comum estreitas relações culturais com a casa de Anjou, onde, como já foi dito, desenvolveu-se a langue *d'oïl*, predominante na França setentrional. A essas relações, o historiador atribui o estilo e a linguagem do conjunto das obras daquela geração, incluindo o romance em estudo. Em especial, o crítico assinala a preferência desses escritores pelo francês de influência anjevina, ou seja, pelo francês praticado no Norte, o que, portanto, distanciava essa produção do estilo languedociano, consagrado pelos trovadores provençais dos séculos anteriores. Não é, portanto, descabido afirmar que, a partir do final do século XV, quando passaram a ser impressas e reproduzidas em quantidades expressivas¹¹, essas obras tiveram alguma relevância como instrumento à unificação política e linguística do território francês.

Nesse ponto, de modo a endossar a tese de Coville, importa destacar alguns aspectos que indiciam a pertinência do nosso romance ao contexto literário anjevino-provençal. Começamos por observar, pontualmente, para não nos desviarmos do objetivo do presente artigo, como se configura o cronotopo¹², isto é, as relações espaço-temporais na narrativa. Como vimos, a *História de Pierre e Magalona* se desenvolve entre a Provença, a cidade de Nápoles e o sultanato da Alexandria, três importantes focos de trocas comerciais e culturais realizadas via o Mar Mediterrâneo, na baixa Idade Média e depois. Esse dado nos permite aproximar nosso romance da *História do Cavaleiro Paris e da bela Vienne*, romance em prosa do marselhês Pierre de la Cépède¹³.

9 Obra cit..

10 Também denominado Treviez, Trevis, Tribus ou Trevisanus. Trata-se do autor autodeclarado da seguinte inscrição em latim, que se encontra no lintel do portal ocidental da antiga igreja de Magalona: AD PORTVM VITE SITIENTES QVIQVE VENITE. HAS INTRANDO FORES, VESTROS COMPONITE MORES. HINC INTRANS ORA, TVA SEMPER CRIMINA FLORA. QVICQVID PECCATVR LACRIMARVM FONTE LAVATVR. B. D. IIIVIS FECIT HOC ANNO INC. DO. CLXXVIII (Cf. BARING-GOULD, obra citada, p. 231.) “Vinde à porta da videira sedento. Antes de adentrá-la, ajusta o comportamento. Ao cruzar o arco, chora por teus crimes. Pois, na fonte das lágrimas, todo pecado é lavado. Bernardo de Trévies fez isso em 1178.” Versão minha, com base no original em latim e na seguinte tradução em inglês: “Let those who will come thirsting to the gate of Life. On entering these doors compose your manners. Entering here pray, and ever bewail your crimes. All sin is washed away in the spring of tears. Bernard of Trevis made this, A.D. 1178”. Cf. BARING-GOULD, obra e página citadas. A polémica em torno da suposta autoria de Trévies se inicia com Pierre Gariel (1584-1674), historiador e cónego de Montpellier, que, em sua obra *Idée de la ville de Montpellier*, informa que o romance teria sido composto no século XII pelo cónego de Magalona, e “polido”, no século XIV, por Petrarca, quando, ainda adolescente, o poeta italiano fora cursar Direito em Montpellier. Outra versão, menos recorrente e nada provável, diz que o romance teria sido polido por Rabelais. A propósito, ver COVILLE, obra citada. Ver, também, QUINTELA, Vilma Mota. “Figurações do feminino na emblemática história da ilustre Magalona: estado da arte”.

11 Ver nota 8.

12 A propósito, ver BAKHTIN, “O Problema da forma” e “Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica)”. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*.

13 Ver LA CÉPÈDE, Pierre de la. *Histoire du chevalier Paris et de la belle Vienne*. Ver também: BENNETT, H. S.. Romances and tales. In: *Thought & culture of the english renaissance: An Anthology of Tudor Prose - 1481-1555*; e

Situada em 1271, entre o sudeste da França e o Oriente Médio, com breve passagem pela região de Anjou e por Veneza, a narrativa conta a história de um amor incontinenti e inabalável, tão proverbial quanto o que uniu Pedro e Magalona. Trata-se da história de amor entre o filho de um honrado barão, rico senhor de terras, e a herdeira do delfinado de Viennois, do qual o pai do herói era vassalo. Semelhantemente ao que ocorre no romance em estudo, as intenções matrimoniais do casal vêm a ser contrariadas pela ordem aristocrática, haja vista a posição social inferior do cavalheiro enamorado. Antes que o amor venha a triunfar, desse consórcio, em princípio, fora da lei, resultará a reclusão forçada da heroína, filha do delfim, de nome Godefroy D'Alençon, e o exílio do cavalheiro enamorado. Valendo-se da astúcia, aspecto que também marca a personalidade do herói, a protagonista resiste à ordem paterna, desviando-se, tal qual Penélope, por meio da dissimulação, dos pretendentes arranjados pelo delfim, incluindo, dentre esses, o filho do poderoso duque de Borgonha. Enquanto isso, Paris, que chorava as suas mágoas em Gennes, na região de Anjou, decide partir definitivamente para as terras mouriscas. De Veneza, ele cruza o mar indo parar em Constantinopla, onde permanece por um ano e aprende a língua e os hábitos dos sarracenos. Disfarçado de um deles, ele adentra os domínios muçulmanos e ouve falar da Terra do Prestes João, na Etiópia. Ele avalia integrar-se àquela lendária comunidade cristã, mas, antes, decide visitar o Santo Sepulcro, em Jerusalém, então sob domínio maometano. Próximo dali, toma conhecimento do sequestro do senhor de Viennois, pai de sua amada, que se encontrava prisioneiro na Alexandria, quando lá o delfim estivera a serviço do Papa e do rei da França, em uma cruzada contra os sarracenos. Usando de astúcia, depois de conquistar a confiança do sultão, ele acaba por conseguir resgatar o seu antigo desafeto, que não o reconhece sob o disfarce de aventureiro mouro, e ali mesmo, por sua vida, o delfim lhe promete a mão da filha mais velha, a própria Vienne, objeto do amor do herói. Na sequência, ambos retornam ao sul da França, ponto de partida da narrativa, onde, após uma série de eventos episódicos, dar-se-á o esperado *grand finale*.

Não é preciso uma minuciosa análise do enredo de *Paris e Vienne* para se concluir que se trata, basicamente, do mesmo cronotopo do romance anterior, salvo pontuais diferenças. Historicamente, o delfinado de Viennois situava-se no que hoje equivale ser o sudeste francês, nos limites da Provença, terra natal do cavaleiro Pierre. Da mesma forma, o contexto do romance remete à época da instauração das alianças políticas entre a casa de Anjou-Provença e os reinos da Sicília e Nápoles, no final do século XIII. Ainda no que concerne aos elementos narrativos, vale mencionar, dentre outros aspectos, as referências - anacrônicas nos dois exemplares - a figuras históricas relacionadas, direta ou indiretamente, aos domínios anjevino-provençais, a exemplo dos condes de Toulouse e da Provença e do duque de Borgonha, figura eminente naquele meio. Visto que não pretendo aqui aprofundar esse aspecto, o que devo fazer em outra oportunidade, importa,

CRÉCY, Marie-Claude de, BROWN-GRANT, Rosalind (Scientific editors) – Introduction. In: LA CÉPÈDE, Pierre de. *Paris et Vienne*.

por hora, assinalar: não sendo, necessariamente, cabais, quando se trata de estabelecer conexões histórico-literárias inequívocas entre as obras em questão, as coincidências de caráter temático e espaço-temporal, passíveis de serem observadas quando colocamos as duas narrativas lado a lado, não deixam de ser significativas. Quanto a isso, assinalo ainda um outro dado, que, se não indicia, pelo menos, sugere certo vínculo entre essas obras. Refiro-me à visão de mundo, em particular, no que concerne às relações entre amor e matrimônio, como se pode observar, análogas nesses dois romances. Abro aqui parênteses para contextualizar esse aspecto. A respeito disso, também tratarei brevemente, sem a pretensão de aprofundar-me além do necessário à introdução do assunto, sobre o qual devo me debruçar futuramente.

A julgar pela figuração dos protagonistas e pelo desdobramento dos eventos narrados, podemos incluir esses dois romances entre as típicas novelas de cavalaria pré-renascentistas, também referidas como romances de casal¹⁴. A propósito, em seu estudo sobre o assunto, a crítica e historiadora medievalista Leah Otis-Cour (2005) observa a distinção entre essa modalidade e o romance cortês medieval propriamente dito, a exemplo de *Tristão e Isolda* e dos romances de Chrétien de Troyes. Nesses últimos, como também se vê na poesia trovadoresca provençal, torna-se patente a incompatibilidade entre o amor passional e a plena integração social. Nesse âmbito, raramente, o amor leva ao casamento, figurando, o adultério, como traço distintivo da cultura do “fin’amour”, o amor gentil, objeto da “gaia ciência”. Dito de outro modo, trata-se da dicotomia entre *caritas* (amor de Deus) e *cupiditas* (desejo terreno)¹⁵. O romance de casal, que, haja vista o seu caráter edificante, configura-se, sob certo ângulo, como uma espécie de precursor do romance de educação sentimental, segue uma linha bem distinta daquela predominante em romances como, por exemplo, os do ciclo arturiano. Nos romances de casal, que aqui denominarei pré-renascentistas, o casamento deixa de ser uma camisa de força social para se converter em lugar privilegiado ao amor exemplar, capaz de conciliar *cupiditas* e *caritas*, pela subordinação da primeira dessas forças, isto é, pela via da sublimação. Em suma, nos romances de casal, o amor ideal dá lugar aos sentimentos sublimes, desprendidos, inspiradores de atos grandiosos do ponto de vista moral. Fundamentado nessa ética, o casamento pressupõe o consentimento mútuo, tal como o instruído por teólogos e canonistas cristãos desde o final do século XII¹⁶. Isto é, a escolha do cônjuge demanda sentimentos recíprocos de lealdade, capazes de enfrentar e conter as ambições dinásticas, tal como se configura nas histórias de Paris e Vienne e Pierre e Magalona.

14 O termo “pré-renascentista” é usada por Bennett para designar a heroína de romances de casal surgidos no final da I. M., tais como *Paris e Vienne* e *Pierre e Magalona*. Ver BENNETT, H. S.. “Romances and tales”. Sobre o romance de casal, ver OTIS-COUR, Leah, “Mariage d’amour, charité et société dans les « romans de couple » médiévaux”. Sobre o amor cortês, ver também: ROUGEMONT-Denis de. *O Amor e o Ocidente*; e LEWIS, C.S.- *The Allegory of Love*.

15 ver OTIS-COUR, Leah, obra cit..

16 ver OTIS-COUR, Leah, obra cit.. Ver também: HENRIQUES, Orlando José Guerra. *Matrimônio: A sacramentalidade de um sacramento diferente*. A ideia do matrimônio como uma comunhão espiritual, isto é, como um ato consensual em essência, tem, em Hugo de São Victor, o seu expoente máximo.

Esses dois romances podem ser relacionados, por oposição, como diferentes faces de uma mesma moeda, às duas outras obras referidas por Coville, aqui antes mencionadas, seja, o *Roman de Troyle*, de Beauvau, e o *Petit Jehan de Saintré*, de La Sale¹⁷. Como vimos, ambos os romances versam sobre a história de um amor edificante que culmina em um casamento próspero, sustentado pelo consentimento e fidelidade mútua. Na antípoda dessa tópica, como se pode observar, situa-se o argumento das narrativas de Beauvau e de La Sale. Não obstante suas especificidades discursivas, essas duas também dialogam entre si no que concerne à temática e à forma como essa se desenvolve - sendo, a primeira, a tradução do poema *Il Filostrato*, de Boccaccio, uma narrativa cômico elegíaca em tom passional; e, a segunda, uma sátira cavalheiresca, que se apresenta como uma espécie de romance de formação. Em ambas as narrativas, a ironia serve a uma crítica implícita do ideal do amor cavalheiresco, tendo, ambas, como objeto, a traição amorosa. Nas duas, a personagem do cavaleiro, amante fiel, sofre as consequências deletérias do amor desmedido, que, no primeiro caso, leva à morte do herói, e, no segundo, ao doloroso aprendizado sobre as supostas inconstâncias e falsidades das mulheres. Busca-se, dessa forma, expor a incompatibilidade entre o etos do cavaleiro valoroso, constante no amor professado à dama alvo de sua afeição, isto é, leal à concepção do verdadeiro e puro amor, e o caráter frívolo daquela, de cujo afeto ele é privado. No primeiro caso, o narrador, espécie de *alterego* do autor, vale-se do exemplo trágico do romance entre Troilo e Criseida para justificar o seu julgamento genérico sobre a infidelidade feminina. No segundo, conta-se, na terceira pessoa, a trajetória do herói, que ascende, da condição de pajem, à de alto cavaleiro da corte do rei da França. Para tanto, ele segue, fielmente, as instruções de uma dama mais experiente, de quem se torna amante, culminando, a história desse amor avassalador, supostamente, correspondido, com a vil traição daquela, por motivos, aparentemente, fúteis. Em ambas as narrativas, a traição e a consequente privação amorosa são os motivos da detração da mulher, bem como do tom misógino que marca o discurso.

Tal é a premissa da sátira do amor cortês, que tem como um de seus precursores mais célebres e influentes, *Le Roman de la Rose*, mais especificamente, a segunda parte do poema, da autoria do Jean de Meun, datado do último terço do século XIII¹⁸. A partir dessa época, a tópica da infidelidade das mulheres, desenvolvida nesse clássico da literatura cavalheiresca medieval, com o qual, de certa forma, o autor de *Petit Jehan de Saintré* dialoga, desenvolve-se em uma série de outras obras. Por exemplo, ela também é o ponto de partida do *Liber lamentationum Matheoluli*, poema, como o de J. de Meun, na primeira pessoa e em versos octossílabos, de teor moralista, escrito, originalmente, não na *langue d'oïl* como o romance da rosa, mas em latim, por volta de 1295, por Mathieu de Boulogne. Traduzida para o francês com o título *Lamentations de Matheolus*, no final

17 Ver COVILLE, obra citada.

18 Ver THUASNE, Louis. *Le Roman de la Rose*.

do século XIV, por Jehan Le Fèvre de Resson (1320-1387)¹⁹, essa obra parece ter sido o estopim do debate sobre as mulheres, que começou a tomar corpo no início do século XV, na França, no reinado de Carlos VI. Essa querela ficou conhecida como a *Querelles des femmes* e teve, como figura central, a notável escritora veneziana Cristine de Pizan, súdita daquela corte²⁰.

Na introdução de sua *Cité des dames* (1405), a autora se refere ao livro de Matheolus, provavelmente, à tradução de Le Fèvre, como o pivô daquela sua obra, cuja escrita teria sido motivada pelo desejo de refutar os argumentos misóginos do autor²¹. O livro de Cristine também estabelece diálogo implícito com *Le livre de Léesce* (1380-87), do mesmo Le Fèvre de Resson, de acordo com Linda Burke (2013), um dos textos fundamentais da tradição literária medieval tardia, especialmente, no que concerne ao debate sobre as mulheres e ao seu papel no matrimônio²². Tal como o livro de Cristine de Pizan, o poema de Le Fèvre é uma engajada defesa da honra das mulheres, sendo, essa obra, disposta pelo autor como uma réplica à Mathieu de Boulogne, cujo poema, anos antes, ele mesmo traduzira para o francês²³.

Esse dado curioso vem a endossar a hipótese de que havia ou configurava-se, em tal contexto, em que a visão de mundo cavaleiresca dava lugar a outras formas de interação sócio-cultural, certa demanda à participação da mulher, que, em determinados âmbitos, cumpria assumir um papel ativo, não apenas na esfera das relações domésticas, isto é, no âmbito matrimonial, como também em um âmbito social mais amplo, notadamente, o âmbito paroquial. Quanto a isso, é sugestivo o comentário atribuído ao cônego Gariel, segundo o qual o autor da história de Pedro e Magalona a teria escrito para conduzir as senhoras, de maneira mais agradável, à caridade e às fundações piedosas²⁴.

Não deixa de ser um indício de certa mudança, no que se refere à visão sobre a mulher, no século XIV, a notoriedade alcançada pelo “livro de Léesce”, poema apologético no qual Le Fèvre introduz o tema das *neufs preuses*, em clara referência ao motivo dos “nove heróis” (*neuf preux*), surgido em meados daquele mesmo século²⁵. Nessa

19 BURKE, Linda. *The Book of Gladness / Le Livre de Léesce: A 14th Century Defense of Women, by Jehan Le Fèvre*. Ver, também, RESSON, Jehan le Fèvre de- *Les lamentations de Matheolus et Le livre de Léesce* (poèmes français du XIVe siècle). T.1 e 2.

20 Para um breve conceito da *Querelles des femmes*, ver: VIENNOT, Eliane. Revisiter la « querelle des femmes »: mais de quoi parle-t-on?.

21 Sobre o livro de Cristine de Pizan, ver CURNOW, M. (trad. e apres.). *The Livre de la cité des dames, of Christine de Pizan*; e DEPLAGNE, Luciana E. de F. C. (trad. e apres.). *A Cidade das damas, de Christine de Pizan*.

22 Ver BURKE, Linda, obra citada.

23 Idem.

24 Ver Fauriel, Claude. *Histoire de la poésie provençale*.

25 Ver CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. Les Neuf Preuses, l'invention d'un nouveau thème iconographique dans le contexte de la Guerre de Cent ans. In: SAINCLIVIER, Jacqueline et alii. *Le genre face aux mutations Masculin et féminin, du Moyen Âge à nos jours*. O tema do “preux” é um motivo estético e literário surgido na primeira metade do século XIV, no contexto da Guerra dos 100 anos, em meio à crise do ideal cavaleiresco dos séculos anteriores. Em resposta a isso, poetas recriam uma espécie de lenda épica em torno de nove heróis, que incorporam o ideal de bravura, valor e coragem, que caracterizou o etos cavaleiresco cortês. Em contrapartida, em seu livro de Léesce, o poeta e magistrado Jean Le Fèvre de Resson introduz o motivo das “neufs preuses”, que, posteriormente, também será desenvolvido por Cristine de Pizan, na *Cité des dames*. O motivo das mulheres célebres, desenvolvido por Le Fèvre e Cristine de Pizan, aparece, a primeira vez, na obra intitulada *De mulieribus claris* (1374) de Giovanni Boccaccio, diversas vezes referido

obra, Léesce, personificação da alegria, assume a palavra para tratar das benesses do casamento, reservadas ao homem capaz de bem discernir o valor da mulher. Partindo desse pressuposto, ele critica e desafia a conduta misógina de três poetas de grande notoriedade na época: Ovídio, Jean de Meun e Mathieu de Boulogne, esse último, como dito anteriormente, o autor das lamentações de Matheolus, a quem, em sua defesa da mulher, ele refuta frontalmente. O ponto crucial da crítica de *Ressons* incide, em particular, contra a estupidez dos homens que condenam as mulheres pelo que delas se diz, e, não, pelo que elas são. Em suma, aplicando esse mesmo raciocínio aos homens, o poeta exorta a sua audiência a considerar o caráter de uma pessoa, independentemente do sexo, pelas suas ações individuais.

O ponto de vista utilitarista do autor quanto ao papel da mulher no matrimônio, observada por Linda Burke²⁶, não contradiz o fato de que o Livro de Léesce, uma crítica veemente a certo *status quo*, sinaliza um ponto de inflexão no discurso sobre a mulher, ao menos, no contexto político-cultural em que essa obra se insere. Quanto a isso, há que se observar: tal libelo, certamente, não teria lugar no ambiente onde surgiu se não houvesse o consentimento real e, também, a demanda dos leitores a quem essa obra se destinava, a saber, a alta sociedade aristocrática da corte dos reis Carlos V e Carlos VI, onde o autor viveu, tendo atuado como magistrado em Paris.

Reforça esse dado o surgimento, no início do século XV, do livro da *Cité des dames*, de Cristine de Pizan, tratado alegórico em que, indo muito além da defesa das mulheres e do matrimônio, a autora idealiza uma cidade inteira construída com os feitos de mulheres notáveis, que ela agrupa em, basicamente, três categorias, a saber: as guerreiras; as das “altas ciências” e das artes; e, por fim, as santas e virtuosas cristãs. Cada uma dessas remete, em especial, a uma das três virtudes que instruem a narradora em seu intento de projetar a cidade alegórica, seja, a Razão, a Retidão e a Justiça. Por fim, terminada a obra, é chamada a governá-la a Rainha dos Céus, a Virgem Maria, estando, a cidade, dessa forma, pronta para receber e abrigar mulheres virtuosas dos mais diversos estratos sociais. Inclui-se aí, além da rainha da França, Isabel da Baviera, a quem a obra é oferecida, e das demais mulheres da alta aristocracia, outras senhoras e damas honradas viventes na corte, a exemplo da própria Cristine. Se, na relação de Le Fèvre só há lugar para as mulheres guerreiras da antiguidade, as *neufs preuses* que atuaram em um passado já extinto, o elenco de Cristine, é ampliado significativamente. Como dito anteriormente, entre as mulheres dignas de abrigar a sua cidade ideal, além das guerreiras da antiguidade e das chamadas mulheres “das altas ciências” e das artes, muitas dessas, protagonistas de fatos

em *Cité des dames*. Ao contrário de Le Fèvre, que faz uma incisiva defesa do valor das mulheres e da superioridade dessas em relação aos homens, embora destaque as qualidades das mulheres por ele relacionadas, G. Boccaccio, ao contrário, relativiza essas qualidades, apontando aspectos que indicam o contrário. Sobre a perspectiva de C. Pizan sobre o motivo das mulheres célebres, em comparação com a visão de Boccaccio, ver PELEGRÍ, Emily Pilar. “De la infamia a la virtud. reformulación de de *Mulieribus Claris* en le livre de *La cité des dames* de Christine de Pizan”. In: Dossier “Aproximaciones a la figura de Christine de Pizan”, pp. 65-72.
26 Obra cit..

históricos, então, relativamente, recentes, ela inclui, também, as suas contemporâneas das mais diversas esferas sociais. Esse fato merece uma apreciação mais aprofundada, tendo em vista a sua relevância no que concerne ao papel político que, enquanto súdita da corte, ela assumia naquele contexto histórico específico. Por hora, haja vista que isso extrapola os propósitos deste artigo, contento-me em apenas mencioná-lo, reforçando, com esse exemplo, o que disse antes sobre a demanda pela participação da mulher nesse âmbito cultural, notadamente, no âmbito matrimonial e no religioso.

Essa breve digressão a respeito dos dois discursos estruturantes da chamada *Querelles des femmes*, a saber, o referente à detração da mulher, com base na afirmação de seus supostos vícios, e a réplica daquele, fornece elementos que permitem situar a produção referida por Coville, aqui comentada, incluindo o romance de Magalona e Pierre em um contexto cultural mais amplo. Como procurei ilustrar, abstraindo-se a diferença manifesta entre os dois romances de cavalaria e os dois em que figura, produção literária que se desenvolvia no sul da França, no âmbito da Casa de Anjou-Provença-Sicília, de certa forma, vêm a endossar entre o ambiente cultural e, e a vida literária, certamente, mais dominante, que se desenvolvia em torno da com e o permitem ampliar o contexto temático das obras situadas por Coville, *O Roman de Troyle* e o *Petit Jehan de Saintré*, situados por Coville no âmbito da produção literária da ligada à casa de produção dos dois poemas que Coville situa no ci antes comentados, situar os dois poemas as obras comentadas por Coville²⁷, incluindo-se o romance de Pierre e Magalona nesse contexto de dis que tem como texto precursor o *Roman de la Rose*, de Jean de Meun; cujo exemplar mais antigo parece ter sido *Le Livre de Léesce*, de Le Fèvre de Resson.

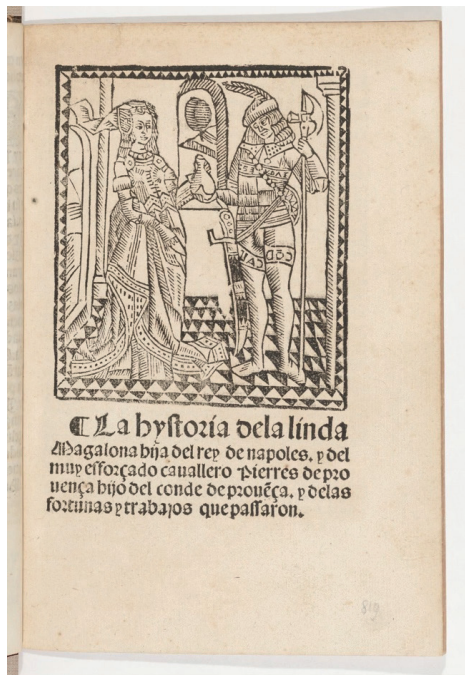
Composto, originalmente, não se sabe se em francês, em latim ou em provençal, esse romance se disseminou em diferentes línguas (francês, provençal, alemão, castelhano, catalão, português, grego, russo etc), em diversas partes da Europa, a começar pela França, e tem, como texto matriz, a versão posta em língua francesa, em meados do século XV. Já por volta do final desse mesmo século, o romance já integra o repertório da literatura de colportagem, que, nos dois séculos subsequentes, entra em plena voga²⁸.

Na península ibérica, as primeiras edições do romance surgem já na primeira metade do século XVI, em castelhano. Há registro de edições em espanhol publicadas em 1519 (Burgos), 1526 (Toledo), em 1533 (Sevilha), em 1602, em Saragoça, para citar apenas algumas das mais antigas. Há também registro de uma edição catalã, de 1650, publicada em Barcelona²⁹.

27 Obra cit..

28 Ver QUINTELA, Vilma Mota. "Figurações do feminino na emblemática história da ilustre Magalona: estado da arte".

29 Ver BRUNET, G. – *La France littéraire au XVIe siècle*.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

La historia de la linda Magalona hija del rey de Napoles e del muy efforçado cavallero Pierres de Provença hijo del conde de Provença: y de las fortunas y trabajos que passaron. Edição de Juan Cromberger (1533). Exemplar pertencente à Bibliothèque interuniversitaire de la Sorbonne, cote: RXVI 879. Pièce 3.

De acordo com Márcia Abreu (1993), ao todo, existiram, pelo menos, 13 edições em português do cordel de Magalona, publicadas ao longo de 219 anos³⁰. A edição mais antiga em língua portuguesa, da qual hoje se tem notícia, data da primeira metade do século XVIII, sendo esta uma publicação de 1737, impressa em Lisboa, na Oficina de Manoel Fernandes da Costa³¹. Já o exemplar mais antigo publicado em Portugal, por mim localizado, é uma edição lisboeta em idioma castelhano, datada de 1664.

30 A propósito, ver ABREU, Márcia – *Cordel português\ folhetos nordestinos: confrontos (um estudo histórico-comparativo)*.

31 Encontra-se um exemplar dessa edição na Biblioteca Nacional de Lisboa, sendo disponibilizada, para leitura, a versão digitalizada da obra.



Historia de la linda magalona hija delrey de napoles, y del muy noble, y esforçado cavallero pierres de provença, hijo del conde de prove[n]ça : y de las muchas adversidades, y grandes trabajos, que passaron siendo siempre constantes en la virtud, y como despues reynaron, y acabaron su vida honradamente en servicio de dios. Edição de Domingos Carneiro (1664). Exemplar pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal (cota: RES. 6712 P.).

É possível que, os primeiros exemplares da obra, tenham chegado no Novo Mundo, na bagagem de imigrantes advindos da península ibérica, talvez, já por volta do século XVI. A propósito, informa, Peter Burke (2014), que, em 1600, entraram no México 10.000 cópias do romance³². No Brasil, há registro da circulação de edições em língua portuguesa da obra a partir da segunda metade do século XVIII³³. Na primeira metade do século seguinte, após a liberação da impressão tipográfica no país, esse e outros êxitos editoriais da literatura de cordel portuguesa passam a ser também publicados no Rio de Janeiro³⁴. Já a partir do final desse mesmo século ou do início do subsequente, alguns dentre os mais populares títulos da biblioteca popular portuguesa ganham versão brasileira, passando a compor o repertório da literatura de folhetos que, então, formava-se no Nordeste do país³⁵.

No que se refere à denominação “romance”, que delimita o gênero ou subgênero dessa obra, cumpre precisar: não nos ocupamos aqui de um romance no sentido moderno do termo. Outrossim, a rigor, também não tratamos de um “rimance”, composição narrativa

32 BURKE, P.- “Chivalry in the New World”.

33 Ver ABREU, idem.

34 Ver CASCUDO, Luís da Câmara – *Cinco livros do povo e Vaqueiros e cantadores*.

35 Ver CASCUDO, idem; ver, também, QUINTELA, Vilma Mota - *O Cordel no fogo cruzado da cultura*.

em verso da qual tratam os estudiosos do romanceiro oral, a exemplo do crítico literário João David Pinto Correia, homenageado da presente publicação, que, em seu livro *O Essencial sobre o romanceiro tradicional* (1986), resume:

Integrando-se no género europeu da «balada», o romance é o seu representante poético-narrativo na Península Ibérica e apresenta características próprias, em relação às « baladas» escocesas e inglesas, às «viser» dinamarquesas ou às «bilinas» russas (...). Tendo as suas origens na Baixa Idade Média, não necessitou de suportes escritos (...) para perdurar até aos tempos actuais, transmitindo-se no longo e complexo processo de boca a ouvido e de ouvido a boca, que, de acordo com Ramón Menéndez-Pidal, designamos por «tradicionalidade».³⁶

Como bem o define o filólogo Ramón Menéndez Pidal, referido no trecho supracitado, o romanceiro tradicional ibérico compreende um conjunto de composições de carácter épico-lírico, em versos octossílabos, na classificação métrica hispânica, ou heptassílabos, na portuguesa, também conhecidas como “romances velhos”³⁷. Cumpre observar, a estória de Magalona e Pierre não possui composições correspondentes ou análogas no romanceiro ibérico - pelo menos, não, versões anteriores à sua publicação original em francês. Não obstante, nela, encontramos elementos narrativos presentes nessa produção, bem como no fabulário tradicional. Esse é o caso do motivo do rapto dos anéis da heroína, a princesa Magalona, por uma ave de rapina, incidente do qual decorrerá a separação providencial dos amantes. A propósito, como informam Menendez Pelayo (2017) e Câmara Cascudo (1953 e 1984), esse motivo, recorrente em fábulas orais de povos diversos, figura no poema *L’Escoufle*, escrito no início século XIII, de autoria do célebre Jean Renart (autor de *Le Roman de la Rose* ou *Guillaume de Dole*); como também na estória do príncipe Camaralzaman e da princesa Badura, das *Mil e uma noites*. Esse mesmo motivo figura na “Storia di Ottinelo e Giulia”, um romance italiano à moda bizantina, cuja edição mais antiga, por mim localizada, data do século XVI³⁸. Tais correspondências remetem ao solo comum no qual se popularizaram essas narrativas, muitas das quais, a exemplo das canções de gesta e dos romances corteses, entraram para o repertório da literatura de colportagem europeia, durante o processo de popularização da prensa de tipos móveis, a partir do final do século XV.

Produto desse contexto histórico, o romance de Pedro e Magalona (Pierre e Maguelonne, no original) reúne elementos típicos dos livros de cavalaria surgidos no medievo tardio, as novelas ou romances de capa e espada, parodiados por Miguel de Cervantes no *Dom Quixote de La Mancha* (1605), esse, sim, considerado um protótipo do que viria a ser o moderno romance ocidental. A propósito, quanto ao romance em estudo, um eloquente indício da grande popularidade dessa narrativa, isso já no início do século XVII, pouco mais de um século após o seu surgimento em língua francesa, é a sua

36 Cf. CORREIA, J. D. P.- *O Essencial sobre o romanceiro tradicional*, p. 5-6.

37 Ver PIDAL, R. M.- *Flor Nueva de Romances Viejos*.

38 Ver BLÉMONT et CANNOY, 1890.

evocação pelo anti-herói cervantino, leitor contumaz das novelas de cavalaria medievais. De modo significativo, o nome dos dois amantes emerge, recorrentemente, na memória do engenhoso fidalgo, em meio a delírios, nos quais ele embaralha fatos e personagens, como ocorre no trecho a seguir, onde Quixote confunde Magalona e Pierre com Clamades e Clarmonda, outro casal celebrizado nas narrativas cavalheirescas:

Pois quem poderá negar ser verdadeira a história de Pierres e da linda Magalona, se hoje em dia ainda se vê no arsenal dos reis a cravelha com que se conduzia o cavalo de madeira que o valente Pierres montava pelos ares, que é um pouco maior que um varal de carreta? E perto da cravelha está a sela de Babioca, e em Roncesvalles está a trompa de Roland, grande como uma viga. Disso se infere que existiram Doze Pares, que existiram Pierres, que existiram Cides e outros cavaleiros semelhantes ³⁹.

Quanto à narrativa em estudo, tratamos de um romance de cavalaria, relativamente, tardio, surgido, talvez, já por volta do século XV. Enquanto tal, ele apresenta aspecto misto, à semelhança dos chamados romances bizantinos. Nele, além de um motivo antológico advindo do fabulário oriental⁴⁰ (como vimos, o motivo do rapto dos anéis), encontramos, já diluídos ou abrandados, elementos próprios da matéria cavalheiresca europeia antiga, sobretudo, das canções de gesta carolíngias e dos romances de cavalaria do ciclo italiano do período renascentista, a exemplo do “Romance de Troye” e outros do gênero⁴¹.

Mais especificamente, o romance de Pedro e Magalona, que, tardiamente, tradicionalizou-se, entrando para o repertório da oralidade, compõe a antiga coleção da literatura de cordel de origem europeia, na qual também se incluem as histórias da Imperatriz Porcina, de Roberto do Diabo, da Donzela Teodora, de João de Calais, as quais, juntamente com o romance em estudo, o nosso Câmara Cascudo denominou “livros do povo”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cordel português\ folhetos nordestinos: confrontos (um estudo histórico-comparativo)*. Tese de doutorado. Campinas: IELUNICAMP, 1993.

_____. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras\ALB, 1999.

ANDRIERS, Lise et BOLLÈME, Geneviève. *La Bibliothèque Bleue*. Paris: Robert Laffont, 2003.

39 Cf. CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*, p. 361. A propósito, ver, nessa edição, nota 5 do capítulo XLIX.

40 Na França chamados *fableaux* (contos tradicionais de origem árabe, indiana ou persa). Ver PARIS, 1914.

41 Para LINCY (1835), o romance de cavalaria se divide em três ciclos ou ramos: 1º. Ciclo de Carlos Magno, o mais antigo (“canções de gesta”); 2º Ciclo da Távola redonda; 3º Ciclo de Alexandre e outros heróis da antiguidade, o mais moderno. Para esse autor, estão fora dessa classificação os romances mistos. Já para DEVAU (1869), há quatro divisões importantes no *corpus* dos antigos romances de cavalaria: 1º Ciclo de Carlos Magno; 2º Ciclo da Távola redonda; 3º Ciclo dos nove valentes (“romans des neuf preux”); 4º Ciclo dos romances de Amadis. No grupo dos romances mistos, os quais talvez possamos denominar “bizantinos”, não enquadrados na classificação do autor, incluem-se “Olivier de Castilha”, “Gérard de Nevers”, “Les Chevaliers du Soleil”, “Flores da Grécia”, “Gérard de Roussillon”, “Jean de Paris”, “Melusine”, “Cleomades e Claremond”, “Flores e Blanchefleur” e “Pierre de Provence e Maguelonne”, dentre outros.

BAKHTIN, M.. "O Problema da forma" e "Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica)". In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP\HUCITEC, 1990, pp. 57-70 e 211-362.

BARING-GOULD, Sabine. *Troubadour-Land*. Londres: W. H. Allen, 1891. Em linha: <https://archive.org/details/introubadourland00bariuoft/page/n7/mode/2up?view=theater>.

BENNETT, H. S.. Romances and tales. In: NUGENT, Elizabeth M. (editora) - *Thought & culture of the english renaissance: An Anthology of Tudor Prose - 1481-1555*. Leiden: Martinus Nijhoff/The Hague, 1969, pp. 563-70.

BLÉMONT, MM. Émile et CANNOY, Henry. *La Tradition*. 4^o anée, n^o VII. Paris: Le Chevalier\ H. Welter. Juillet, 1890.

BLOM, Helwi - «*Pierre de Provence*», in base ELR : *éditions lyonnaises de romans du XVIe siècle (1501-1600)*, Pascale Mounier (dir.), 2021. Em linha: <https://rhr16-elr.unicaen.fr/fiches/107>.

BOCCACCIO, Giovanni. *Filostrato*, a cura di Vittore Branca. In *Tutte le opere*. vol. II, Milano: Mondadori, 1964.

BRUNET, Pierre-Gustave. *La France littéraire au XVe siècle, ou Catalogue raisonné des ouvrages en tout genre imprimés en langue française jusqu'à l'an 1500*. Paris: Librairie A. Franck, 1865.

BURKE, Linda (Translated, annotated and with an introduction). *The Book of Gladness / Le Livre de Léesce: A 14th Century Defense of Women, by Jehan Le Fevre*. Jefferson, NC: McFarland, 2013.

BURKE, Peter, «Chivalry in the New World», *Historias Fingidas*, 2 (2014), pp. 3-12. DOI 10.13136/2284- 2667/22. ISSN 2284-2667.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Os cinco livros do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1984.

CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. Les Neuf Preuses, l'invention d'un nouveau thème iconographique dans le contexte de la Guerre de Cent ans. In: SAINCLIVIER, Jacqueline (dir.) et alii. *Le genre face aux mutations Masculin et féminin, du Moyen Âge à nos jours*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2003.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Tradução e notas de Ernani Ssó. Versão digital. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

CORREIA, J. D. P.- *O Essencial sobre o romanceiro tradicional*. Lousã: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

CURNOW, M. (trad. e apres.). *The Livre de la cité des dammes*, of Christine de Pisan. Tese de Phd. Nashville, 1975.

COVILLE, Alfred. *La vie intellectuelle dans les domaines d'Anjou-Provence de 1380 à 1435* (1^a ed. 1941). Genève: Slatkine Reprints, 1974.

CRÉCY, Marie-Claude de, BROWN-GRANT, Rosalind (Scientific editors) – Introduction. In: LA CÉPÈDE, Pierre de. Paris et Vienne. Paris: Garnier, 2015, pp. 7-124.

DELVAU, Alfred. *Des Romans de chevalerie*. IV Tomos. Paris: Librairie Bachelin-Deflorenne, 1869.

DEPLAGNE, Luciana E. de F. C. (trad. e apres.). *A Cidade das damas, de Christine de Pizan*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

FAURIEL, Claude. *Histoire de la poésie provençale*. Tomo III. Paris: Benjamin Duprat, 1846.

GAUTIER, Léon. *Les épopées françaises: étude sur les origines et l'histoire de la littérature nationale*. T. 2. Paris: Librairie Universitaire, 1894.

HENRIQUES, Orlando José Guerra. *Matrimônio: A sacramentalidade de um sacramento diferente*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Portuguesa \ Faculdade de Teologia. Porto: 2014. Em linha: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16221/1/MATRIM%C3%93NIO%20a%20sacramentalidade%20de%20um%20sacramento%20diferente.pdf>. Consultado em 03/2022.

HULVEY, Monique. Sellers and Buyers of the Lyon Book Market in the Late 15th Century. In: DONDI, Cristina et alii - *Printing R-Evolution and Society 1450-1500. Fifty Years that Changed Europe*. Veneza: Edizioni Ca' Foscari, 2020, pp. 727-752.

LABANDE, Léon-Honoré. *L'imprimerie en France au XVe siècle: étude sur sa propagation dans les différentes villes et sur l'influence exercée par les typographes d'origine allemande*. Mayence: Philipp von Zabern, 1900.

LA CÉPÈDE, Pierre de. *Histoire du chevalier Paris et de la belle Vienne*. Lyon: Louis Perrin\ Paris: Crozet, 1835. Em linha: <https://www.notesdumontroyal.com/document/598a.pdf>. Consultado em 03/2022.

LA SALE, Antoine de. *Histoire et cronique du petit Jehan de Saintré et de la jeune dame des Belles Cousines, sans aultre nom nommer*. Paris: Librairie Générale, 1890.

LEWIS, C.S.-*The Allegory of Love*. New York: Oxford University Press, 1958.

LINCY, Leroux de: “De Quelques observations sur l'origine des romans de chevalerie. In: Analyse critique et littéraire du roman de Garin-Le-Loherain. Paris: Techener Libraire, 1835.

MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. *Obras completas. Orígenes de la novela*, t. II, vol. 1-2, éd. de Ana Luisa Baquero Escudero (coord.), Raquel Gutiérrez Sebastián et Borja Rodríguez Gutiérrez (éd.), Santander, Real Sociedad Menéndez Pelayo – Universidad de Cantabria, 2017.

MORERI, Louis. *Nouveau supplement au grand dictionnaire historique genealogique, géographique, etc. de Louis Moreri: pour servir à la dernière édition de 1732 & aux précédentes : tome second, H-Z*. Paris: Jacques Vincent et alii, 1749. Em linha: https://play.google.com/books/reader?id=_kLFCtYIV5sC&pg=GBS.PP4&hl=pt. Consultado em 03/2022.

OTIS-COUR Leah, « Mariage d'amour, charité et société dans les « romans de couple » médiévaux », *Le Moyen Age*. 2005/2 (Tome CXI), p. 275-291. DOI : 10.3917/rma.112.0275. Em linha: <https://www.cairn.info/revue-le-moyen-age-2005-2-page-275.htm>. Consultado em 03/2022.

PARIS, Gaston. Paris, Gaston. *La littérature française au moyen âge (XIe-XIVe siècle)*. 5e éd., notes bibliogr. rev., corr. et augm.). Paris: Hachette, 1914.

PELEGRÍ, Emily Pilar. “De la infamia a la virtud. reformulación de de Mulieribus Claris en le livre de La cité des dames de Christine de Pizan”. In: Dossier “Aproximaciones a la figura de Christine de Pizan”. *Revista Exlibris*. Número 8. Dezembro de 2019 (ISSN 2314-3894), pp. 65-72. Em linha: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/exlibris/article/view/3283/2124>. Consultado em 03\2022.

PÉRICAUD, Antoine. *Bibliographie lyonnaise du XVe siècle*. Lyon: Imprimerie de Louis

PIDAL, R. M. - *Flor Nueva de Romances Viejos*. 46º ed.. Madri: Espasa Calpe S.A., 2001.

QUINTELA, Vilma Mota (2021). Figurações do feminino na emblemática história da ilustre Magalona: estado da arte. *Herança - Revista De História, Patrimônio e Cultura*, 4(2), 073–088. <https://doi.org/10.29073/heranca.v4i2.416>. Consultado em 03\2022.

RESSONS, Jehan le Fèvre de- *Les lamentations de Matheolus et Le livre de Léesce* (poèmes français du XIVe siècle). T.1 e 2. Paris: Émile-Buillon, 1892-1905.

ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. Tradução de Paulo Brandie Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SOCIÉTÉ D'ÉTUDES PROVENÇALES. Annales de Provence. *Revue d'Archéologie, histoire, linguistique de la région provençale*. 2e série, 11e année. Aix-em-Provence: Typographie et Lithographie B. Niel, 1914.

THUASNE, Louis. *Le Roman de la rose*. Paris: Edgar Malfère, 1929.

TIMELLI, Maria Colombo. « Pierre de Provence et la Belle Maguelonne, a cura di Anna Maria Babbi », Studi Francesi. Em linha: <http://journals.openedition.org/studifrancesi/30006>. Consultado em 03\2022.

VIELLIARD, Françoise. Gabriel Bianciotto, Le roman de Troyle, 1994. In: *Romania*. Tome 115, n°459-460, 1997. pp. 563-566; https://www.persee.fr/doc/roma_0035-8029_1997_num_115_459_2256_t1_0563_0000_3. Consultado em 03\2022

VIENNOT, Éliane. Ce que l'imprimerie changea pour les femmes. IN: *Revue de la BNF* 2011/3 (n° 39), pp. 14-21. Em linha: <https://www.cairn.info/revue-de-la-bibliotheque-nationale-de-france-2011-3-page-14.htm>. Consultado em 03\2022.

_____. Revisiter la « querelle des femmes »: mais de quoi parle-t-on ? Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2012. Em linha: <http://www.elianeviennot.fr/Articles/Viennot-Querelle1-intro.pdf>. Consultado em 03\2022.

Edições do romance de Pedro e Magalona consultadas (Ordem cronológica)

Pierre de Provence et la belle Maguelonne. Lyon (Rhône, France): Barthélémy Buyer (1433-1485), Guillaume Le Roy (14..-1493?). Edição realizada por volta de 1475 (1472?). Fonte dos dados: <https://portail.bibliissima.fr/fr/ark:/43093/edata5e871f0192c8fe44db5ff92c25e169fa0492fa9e>. Em linha: <https://books.google.fr/books?vid=BML37001103719907>. Consult. em 03\2022.

La historia de la linda Magalona hija del rey de Napoles e del muy efforçado cavallero Pierres de Provença hijo del conde de Provença: y de las fortunas y trabajos que passaron (1526). Exemplar pertencente à Biblioteca Nacional da França. Em linha: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb33420225s>. Consultado em 03\2022.

La historia de la linda Magalona hija del rey de Napoles e del muy efforçado cavallero Pierres de Provença hijo del conde de Provença: y de las fortunas y trabajos que passaron. Edição de Juan Cromberger (1533). Exemplar pertencente à Bibliothèque int.eruniversitaire de la Sorbonne, cote: RXVI 879. Pièce 3. Em linha: <https://nubis.univ-paris1.fr/ark:/15733/358m>. Consultado em 03\2022.

Historia de la linda magalona hija delrey de napoles, y del muy noble, y esforçado cavallero pierres de provença, hijo del conde de prove[n]ça : y de las muchas adversidades, y grandes trabajos, que passaron siendo siempre constantes en la virtud, y como despues reynaron, y acabaron su vida honradamente en servicio de dios. 40 p., in 4o (16 cm). Lisboa: Domingos Carneiro, 1664. Exemplar pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal (cota: RES. 6712 P.).

Historia verdadeira da princeza magalona, filha delrey de napoles, e do noble, e valeroso cavalheiro pierres, pedro de provença. Lisboa Occidental: Offic. de Manoel Fernandes da Costa, 1737. Em linha: <https://purl.pt/30786/service/media/pdf>. Consultado em 03\2022.

Histoire de Pierre de Provence et de la belle Maguelonne. Paris: Costard, 1776. Em linha: <https://play.google.com/books/reader?id=aUxHpfkQwd0C&pg=GBS.PP2&hl=pt>. Consultado em 03\2022.

La Bibliothèque bleue. Tome I. Contenant: Histoire de Pierre de Provence et de la belle Maguelonne, Histoire de Robert, le Diable, duc de Normandie, et Histoire de Richarde sans Peur, son fils. Liège: F. J. Desoer, 1787. Em linha: <https://play.google.com/books/reader?id=1XK7JtYsP7oC&pg=GBS.PR12&hl=pt>. Consultado em 03\2022.

Collection de Poésies, Romans, Chroniques, publiée d'après d'anciens Manuscrits et d'après des Editions Des XVe et XVIe Siècles · L'istoyre de Pierre de Provence et de la belle Maguelone -Volume 18. Paris: Silvestre, 1845. Em linha: <https://play.google.com/books/reader?id=ueBiAAAACAAJ&pg=GBS.PP1&hl=pt>. Consultado em 03\2022.

Histoire de Robert le Diable, suivie de Richard Sans Peur, et de Pierre de Provence et la Belle Maguelonne. CASTILLON, J. (éditeur). Bibliothèque Bleue. Paris: Garnier Frères, 1862. Em linha: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k164380d.r=Histoire%20de%20Robert%20le%20Diable%2C%20suivie%20de%20Richard%20Sans%20Peur%2C%20et%20de%20Pierre%20de%20Provence%20et%20la%20Belle%20Maguelonne?rk=21459;2>. Consultado em 03\2022.

1. Reedições modernas de edições antigas

BIEDERMANN, Adolphe. *La Belle Maguelonne*. Édité par les Bourlapapey, bibliothèque numérique romande, 1913. Em linha. www.ebooks-bnr.com.

ROUDAUT, François (Éditeur scientifique). *Pierre de Provence et la belle Maguelonne*. Classiques Garnier. Paris: Garnier, 2009.

Manuscritos consultados

Manuscrito 1501. 186 v.. (1401-1500). 1º « Le Romant de Troylle », ou « Phillostrato translaté par BEAUVAU, seneschal d'Anjou ». 2º « Le Livre de Maguelonne ». O Livro de Maguelonne começa à página 117 (marcada no alto da página). Source gallica.bnf.fr / BnF. Consultado em 03\2022.

Manuscrito 1502. Le Livre de Pierre, filz du conte de Provence, et de la belle Maguelonne, fille du roy de Naples.. 72 v.. Documento incompleto (sem a parte inicial: inicia-se à página 137, marcada no alto da página). Source gallica.bnf.fr / BnF. Consultado em 03\2022.

Manuscrito 19167. COULDRETTE (copista). *Romans en vers et en prose : la Belle Hélène ; Mélusine, par Pierre de Provence.*, 303 f.. Source gallica.bnf.fr / BnF. Consultado em 03\2022.

Manuscrito Coburg 4 (Ms. 4). Pierre de Provence et la belle Maguelonne. Landesbibliothek Coburg. 145 f. [S.l.], [1480?]. Cópia digital em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bvb:70-dtl-0000034304>. Consultado em 03\2022.

Manuscrito El. f. 98. “Belle dame sans merci” (Alain Chartier), Demandes joyeuses en forme de quolibets (Anônimo), Pierre de Provence et la belle Maguelonne (Anônimo). “Message d’amour” (Jean Piquelin) . Ballade “Haultain Pana” (Anônimo). Chanson “Ma bouche rit” (Anônimo). 134 f.. Torgau: ±1496. Allemagne, Iena, Thüringer Universitäts-und Landesbibliothek, | Cópia digital disponível em: https://collections.thulb.uni-jena.de/receive/HisBest_cbu_00016590. Consultado em 03\2022.

Manuscrito 3354. (Reproduction partielle). 1400-1499 (15e s.). *Sept sages de Rome (Les); Histoire de Pierre de Provence et de la belle Maguelonne ; etc.* Incipit référence de l’oeuvre Histoire de Pierre de Provence et de la belle Maguelonne: “Après l’ascencion de Nostre Seigneur Jhesu Crist quant la sainte foy catholique commença de regner es parties de Gaule qui maintenant est appelée France”. Folio 60r - 109r.. Em linha: Paris, Arsenal, 3354, f. 2v (Armoires de Varennes). Consultado em 03\2022.

Manuscrito 20044. *Pierre de la Cépède | Paris et Vienne.* France, Paris, Bibliothèque nationale de France, Département des manuscrits, Français 20044. Em linha: <https://portail.biblissima.fr/fr/ark:/43093/mdataf9b406dd7a0e443b1bc193ea661e359d7995c9b0>. Consultado em 03\2022.

Manuscrito Fr. 1480. *Pierre de la Cépède | Paris et Vienne.* PARIS, Bibliothèque de l’Arsenal. Em linha: <http://jonas.irht.cnrs.fr/oeuvre/3706>. Consultado em 03\2022.